MELLO MOVRÃO

ESCREVEV

DOAÇÃO
CSL
1920

POESIA DO HOMEM

Em Esta Muy Grande Cidade

DE

SAM SEBASTIAM DO RIO DE JANEYRO

PVBLICADO NA ARIEL ED.

Em esta mesma Cidade de

S.S DO RIO DE JANEIRO

M CM XXXVIII

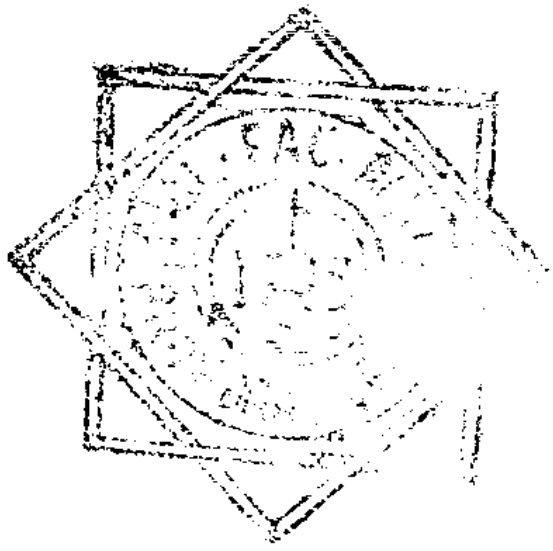
J. P. de Franço Lisandro

POESIA DO HOMEM

MELLO MOURÃO

Poesia do Homem

A Esther Ribeiro Mello,
minha mãe.



RIO DE JANEIRO
1 9 3 8

MEU LIVRO

A
Carlos José de Assis Ribeiro e
Paulo Fleming,

meus amigos.

O SÔPRO DO SENHOR VIRÁ

Ao Ricardo Werneck de Aguiar.

Ó Vulcão furioso
Dos impetos creadores!
Chimborazos erguidos, Aconcaguas enormes,
Vesuvios moços do meu coração!
Dores de parto dos deslumbramentos,
Vontade de gerar,
Vontade de fazer,
Vontade mysteriosa de crear!!...

Ó labios mudos de poetas mudos,
Abri-vos e gritae...
Todo sonho das almas inquietas,
Todo gesto que está para surgir,
Os arroios que estão para gemer,
Os ventos que desejam sibilar,
Todas as vozes mortas nas gargantas,
Cantae! Cantae!!...
Toda magia das inspirações que têm saudades do
[futuro,

Todos os poemas
Que dormem no berço primitivo,
Todos os rhythmos,
Todas as rimas, todos os sons e todas as estrophes,
— Americas occultas das idéas,
Que imploraes de joelhos ao Cruzeiro do Sul
A vinda de Colombo, —
Cantae... Cantae... Cantae...

Ó flautas chrystallinas que esperaes
Pelo sopro de Pan!
Ansias de arcos nervosos que procuram
As cordas mortas dos violinos mudos!

Occultas melodias,
Alvoradas, nocturnos, sonatas, serenatas,
Protophonias transfiguradoras,
— Toda a gama das vozes que não vibram,
Mas gemem e suspiram
No teclado das ansias,
Cantae... Cantae... Cantae...

Cores, matizes, tintas,
Pinceladas de todos os painéis,
Manhans ensanguentadas,
Poentes wagnerianos,
Arco-iris que queres ser pintado,
Aquarelas e frescos,
Esboços de figuras luminosas,
— Ó Naturezas-mortas,
Silhuetas e sombras e perfis,
Cabeças de Madonas e de Christos,
Paizagens, filigranas escondidas,
Linhas geometricas de dedos paralyticos,
Movimentos
Que jazeis todos,
— Todos,
Surgi! Apparecei!

Blocos de pedra bruta que sentis!
Bronzes inertes que esperaes sonhando
O beijo creador dos Michelangelos,
— Erguei-vos todos,
No equilibrio definitivo das coisas que são!
— Monumentos enormes,
Estatuas increadas! —

Ah! batalhão guerreiro
Que sacodes as armas,
Esperando o clangor do clarim das alarmas!...

Diamantes occultos no fundo do rio!
Região das bellezas intraduziveis,
Terra de Santa Cruz maravilhosa,
Continente ideal
Que namoras nos longes horizontes
As velas mensageiras de um Cabral!

Jequitibás frondosos que agitaes
A verde ramaria farfalhante
Dentro das sementes minusculas
Enterradas no fundo do solo!

... Tufões encadeados!
Impetos creadores!
Vontades de gerar...
Azas debeis das ansias poderosas...

Ah! Messias esperados das almas inquietas
Da nação sonhadora dos poetas!
Creanças louras que quereis nascer,
Baptistas que saltaes
No regaço fecundo de Isabel!

Quando é que a flor do cactus desabrochará
Sobre a fecundidade das pedras?

Ó Ansias novas, semimortas, vivas,
Ó pedaços de barro,
O sopro do Senhor virá ainda
E podereis erguer-vos!

E a branca nebulosa primitiva
Que dorme nos espaços,
Ha de poder alevantar os braços
E romper-se e partir-se e derramar nos ares,
As estrellas, as cores, as rimas luminosas,
Na semana da Creação,
No minuto essencial do Fiat
De todas as paizagens,
De todas as symphonias,
De todas as Esculpturas,
De todos os poemas do Universo!

CANTO DO PRINCIPIO E DO FIM

A *Nilza Perez.*

Um dia a minha sombra se alevantará na floresta
Serei o roubo de Helena, a grega.
Os homens se dividirão por minha causa
Vós vireis marchando accelerados.
Quando me fitardes,
Cruzareis por minha causa as vossas espadas [frageis.
Os aviões cabecearão nos ares,
As metralhadoras brotarão da terra como a herva silvestre.
Os canhões desconhecerão o silencio.
As aguas do oceano mudarão de cor, porque em cada navio haverá sete batalhas.
Os peixes comerão tantos marinheiros que acabarão assumindo formas humanas.
Não haverá mais planicies por minha causa:

A Terra será composta de dois buracos que serão duas trincheiras.
Haveis de luctar de matar e de morrer
oh! meu Deus, de morrer por minha causa!
Depois sobrarão um homem e uma mulher que terá dois seios como as outras.
E quando eu os vir cada um morto de fome em sua trincheira,
Então eu estarei sosinho e feliz!
Ah! neste momento
O carro de fogo descerá pelos caminhos electricos
E eu irei glorificado para o meu paiz de origem!

CANTO AO ULTIMO POETA

Ao *Tasso da Silveira,*
homenagem.

Meu ultimo Irmão!

Eu sei que no ultimo dia,
Todos os homens jazerão
E tu passearás ainda, com teu manto largo
Pelos montes, pelos valles, pelas cidades ermas.

Porque o Senhor quer que tu sejas
O espectador das tragedias finaes.
Para que vejas o mundo,
Como elle sempre foi para nós:
—Valle do exilio e deserto cheio de cadaveres.

Meu ultimo Irmão!

Quando te encontrares sosinho,
No recesso das egrejas despovoadas,
Das cathedraes silenciosas como uma ermida,
Has de rezar por nós!

Porque nada então perturbará o silencio de tua
[prece...

E lembra-te de nós!

No minuto da nossa vida,
Não havia silencio.
Os cadaveres do deserto em nosso tempo,
Fallavam, gritavam,
Atordoavam nossos ouvidos.

Muita fumaça nos escureceu,
Muita sirene nos ensurdeceu!

Dize isso ao Senhor!

Tu que então terás a plenitude da Poesia,
Queima as nossas estrophes!

Porque no ultimo dia,
Os poemas da Morte attingirão a sua culminancia
E os poemas da Vida cantarão mais alto,
Dentro de Ti!

Serás o ultimo Homem a subir a encosta.
Os outros estarão afflictos para chegar ao céu
E partirão correndo.

— O Poeta já tem o céu dentro d'alma
E esperará ainda!

Ah! será nesse momento, meu Irmão,
Quando sobre as ruinas do mundo,
Nós todos desfilarmos aos teus olhos,
Que a tua voz será necessaria.

Para entoar o grande Canto da Misericordia,
Que,
Embora murmurado apenas por teus labios,
Será coral e collectivo!

As ondas do som delle
Encontrarão no espaço
As ondas da voz do clarim convocador...

E, talvez, meu Irmão,
Talvez,
O senhor escute dos teus labios
O grande Canto essencial
Que todos nós quizemos cantar,
Desde David até Orpheu,
Desde Homero até eu,
E que não cantamos,
Porque havia ainda muito barulho,
Muito barulho em volta de nós!

A SALVAÇÃO ESTARÁ NA QUEDA

Has de ver grandes espectaculos apocalypticos!

Coisas terriveis e scintillantes presenciaremos.

Uma mulher muito grande tendo tres braços e tres seios se transformará em besta.

Seremos tomados de grande amor por ella. Peccaremos com ella. Quando estivermos dentro della participaremos das suas qualidades de besta. Seremos tambem horrendos.

Muito suja estará ella. Mas teremos prazer na sua immundicie. Apararemos com os labios em beijos a lama da sua bocca.

Cahiremos depois no rio. Ah! essa queda!

A mulher será afogada ou arrebatada para o fundo do mar ou levada quem sabe para as praias claras e frescas do seu paiz natal ou se transformará em donzella á sombra das carnahubas. Quem sabe do grande destino que ella tem?

Nós porem nos agarraremos á raiz de uma arvore que foi nossa.

Sangraremos as unhas e as gengivas no seu tronco, beberemos da sua seiva e seremos fortes.

Lembrar-nos-emos de Tobias:
levantaremos os olhos; a andorinha deixará cahir sobre elles a sua materia gomosa.

Enxergaremos tudo de novo.

E, quasi de repente nos encontraremos na Legião da Adolescencia, empunhando uma bandeira da cor do sol, tocando o pean da Victoria num clarim de ouro;
e seremos bellos e morenos
e as filhas de Israel virão ao nosso encontro
juntas com as filhas bonitas da nossa vizinha,
com amphoras de vinho generoso,
sacudindo palmas e seios redondos
e se offerecendo a nós.

Eu te digo:

— Has de ver grandes espectaculos apocalypticos.

ARRANHA-CÉU

Ao *Paulo Fleming.*

Quando o dedo de Satan delineou no espaço
O esboço do primeiro arranha-céu,
O Peccado exultou!
Não havia jardins nem balcões
E Romeu teria que entrar...

E quando o Homem passou
Em frente ao primeiro arranha-céu,
Não pensou em nada...
Nem mesmo na torre da Egreja
Que, antigamente, se avistava do outro lado...

CANTO Á MULTIDÃO

Ao *Padre Gomes.*

Suba o Povo!

O Poeta vae cantar.

Suba o Povo a montanha onde eu me ergui
Para ajuntar a terra ao firmamento.
Suba o Povo a montanha.
O Poeta vae abrir os braços num gesto muito largo
E vae declamar o Canto Inicial das multidões.

Estatelem-se os olhos
Que meu canto é uma golfada de luz!
Preparem-se os ouvidos
Que meu rhythmo é um clarim de batalha.
E as gargantas se alegrem
Para o vinho loiro das minhas palavras.

Ó multidões olhai para o Poeta!

Vede a minha bandeira desfraldada!
Como ella canta e ruge aos gritos do tufão!
É a bandeira insolente e luminosa
Da mocidade e da Revolução.

Falae raios e coriscos
E os punhos de ferro se derreterão
De encontro á vossa bocca!

Nas frontes erguidas os cabellos enlearão os pés dos que quizerem marchar sobre as cabeças!

Quando os troncos podres obstruirem as margens
Um grande ronco estronde pelos ares
E o Povo desça rolando, mugindo,
Para que o ceu contemple o espectaculo heroico
Da pororoca que arremessa aos ares
Troncos raizes rochas e barrancos.

Suba o Povo á montanha!

Vinde cantar o canto do Poeta,
Desfraldar o estandarte do Poeta!
Quando andardes junto a mim,
As consciencias caminharão pelos campos abertos.
Haverá quatro horizontes
E ao vosso lado marchará cantando
De braço commigo
A mulher bonita e de peitos enormes
Com uma corôa de ossos na cabeça
Porque a Liberdade se corôa
Com os ossos dos tyranos.

Mas se não vierdes commigo,
Eu não voltarei ás vossas planicies
Eu sacudirei o pó das sandalias
Eu morrerei na minha montanha
E o Peruano bramirá de novo
Que sois indignos dos meus restos!

POEMA ESCRIPTO NA VESPERA DE UM COMBATE

Ao *Carlos José de Assis Ribeiro.*

E havia uma montanha...

E quando nós subimos a montanha,
Como os tres Apostolos
Que Te acompanharam ao cimo do Thabor,
Sentimos a vontade
De levantar ali as nossas tendas.

... Porque estavamos transfigurados
E perto de Ti,
Muito perto de Ti!

A CREAÇÃO DO ETERNO

(Na Exposição de Arte do Jair)

Tu precisas saber que acima destas linhas,
Destes punhaes sangrentos e dantescos,
Das rectas repentinas,
Do mysterio dos arabescos,
Dos angulos, das pontas, dos perfis agudos,
Destas cabeças de crucificados,
Acima, muito acima
Das torres gothicas da tua arte,
Das agulhas negras do teu genio
Dos picos angulares e pontudos
Da tua inspiração,
— Existe o ETERNO!

Faz teus longos mais longos,
Teus agudos mais agudos,
Estatela as rectas de tuas retinas,
E no equilibrio e no desequilibrio
De todas as rectas, de todos os angulos,
De todas as quebradas,
Teus dedos finos crearão o grande cubo,
Crearão o Eterno!

GLORIFICAÇÃO DO VERBO

Ao *J. Caetano Guerra.*

Um dia, Tu quizeste
Glorificar o Verbo.

Deste-lhe a seriedade da Historia
E a fulminancia das tribunas.

Quizeste que elle tivesse
As roupagens da Serenidade,
As togas rosadas do Amor,
E o vestiste
Com o vestido de todas as bellezas
Quando o Poeta appareceu.

Mas era preciso que o Verbo fosse mais!
E tu Te transfundiste nelle
Porque o Verbo é Deus
E Deus é o Verbo!

CANTO DA HORA PRESENTE

Como é que eu cantarei?
Emquanto eu abro os labios
Para murmurar um poema
O meu irmão os abre para pedir pão!...

Como é que eu cantarei?...

DILUVIO

Ao *Orlando Carneiro.*

Chova mais! Chova mais!
O céu nunca se exgota
E a chuva nunca falta!

Enfeite-se a terra para receber
A caricia das chuvas copiosas!

E as almas dos homens se adornem,
Porque o Poeta tem o céu dentro de si
E os quarenta dias do diluvio ainda não passaram!

BAILARINA DA SOMBRA

Baila, baila, baila, baila,
Bailarina sombria
Da treva e do silencio!

Baila, gyra, volteia,
Roda de novo
Teu busto curvado,
Teu corpo delgado
Vestido de preto
Na ronda perpetua
E baila que baila!

Bailarina da sombra e do silencio,
Que não ris,
Que não cantas,
Que não choras,
— Baila que baila,

Bailarina muda,
Bailarina cega,
Bailarina surda!...

Hei de ver-te, hei de ver-te,
Esbelta, de lucto
E sempre a dansar,
Até que na volta,
Me escolhas, — ó Morte, —
P'ra ser o teu par!

COM O BURRICO, EU NÃO ME IMPORTO

Quando a onda chegar,
eu estarei na praia.

A onda será violenta em virtude da maré montante.

Virá no bojo della uma borboleta de tres cores e um burrico lepido.

O guarda de farda não sabe espantar onda.

Tambem ella será inexoravel como a belleza da Margarida Pontes por causa de quem eu já perdi muitos bonds e tomei outros tantos errado.

Para que fui eu parar na praia?

Guarda não espanta onda.

Ora, vereis que eu não me importo com o burrico lepido.

Sem ninguem me ensinar, meu destino e minha sciencia é pegar borboleta na maré montante.

Ah! foi o remendo.

Luctarei e chamarei anjos e juizes velhos do Supremo e ministros de capinha preta. Discutire-

mos deante de Salomão e eu provarei que foi por causa do remendo do guarda que a borboleta deixou um pedaço de aza na minha mão e conseguiu fugir.

Foi o remendo! Foi por causa do remendo que a onda voltou e fugiu de mim como a Margarida Pontes. Dessa eu não sei explicar a razão da fuga. Teria sido o Diabo. Se foi o rapaz de hombros de parede, dá na mesma.

Mas discuto e morro que foi por causa do remendo que a onda foi-se embora,

que a borboleta foi-se embora,

e que o burrico ficou relinchando mais de uma hora p'ra mim.

Bemdicto o relincho do burrico,
bemdicta Nossa Senhora
e maldicto o remendo do Guarda!

Chamae o Padre hespanhol para benzer o burrico e convocae o Papa
e o Bispo mais feio da Santa Madre Egreja
para excommungar o Guarda
e sobretudo o remendo delle!

POEMA PARA GLORIFICAR O GIN

Na Casa Carvalho, mesinha do canto
o homem velho e sem dentes bebia gin.
Declaro que errei o golpe:
não pode haver poesia nenhuma
num velho sem dentes
nem bebendo gin.

A POESIA BAIXOU SOBRE MIM

Ao *Manuel Machado dos Santos.*

A Poesia baixou sobre mim.
Mergulhou o meu corpo,
Mergulhou a minha alma
No Amazonas de todas as cadencias,
Baptizando-me deante do mundo.

E Eu sahi, ensopado de rhythmos...

A Poesia fez meus nervos
De cordas de violões,
E fez meus ossos
De pedaços de inubias.

A Poesia baixou sobre mim,
Eu tenho que cantar.

Como a Isaias,
A Poesia queimou a minha bocca.
E deixou nella
Os dois carvões accesos

Que fagulham dia e noite
Scentelhas de rhythmos.

A Poesia baixou sobre mim
E transformou-me em arauto,
— Embaixador das grandes harmonias [sideraes
No meio da Terra!

E Eu tenho que cantar:
Como as ondas marulham, as aguas correm, os ventos sopram, a luz scintilla, o monge reza...

Eu tenho que cantar,
que cantar,
Porque a Poesia baixou sobre mim,
Tomou conta de mim...

TRIUMPHO

Ao *Telmo Borba Moura.*

Hei de morrer ao menos, combatendo. —

(JACKSON.)

Senhor!
Eu preciso de guerra,
Eu preciso de guerra,
Porque quero triumphos!

Não ha mais trophéus no mundo, Senhor,
Os guerreiros fugiram!

Mas eu preciso de guerra,
Porque quero triumphos.

Hei de conquistar,
De levantar na ponta de minha lança
O tropheu mais precioso que encontrar no mundo!

Venham ver a minha alma
A minha alma na ponta de uma lança!

SAUDADES DO ROMANTISMO

Ao *Luiz Jackson de Figueiredo.*

Saudades do Romantismo...

Meus cabellos mais longos e mais pretos,
Meus olhos mais sombrios.
Gemidos de bandurras,
Sons de guitarras, cavatinas langues,

Minh'alma de bohemio esquecida dormindo
No bojo sonoroso dum violão...

Saudades do Romantismo...

Á sombra do balcão,
Aos olhos do luar
Sentir um beijo ao longe, nos dedos de Julieta,
Partir-se e gorgear...

Fazer dores de canções e barcarolas...
Crear angustias de estrophes e poemas...

Hoje tudo é differente...

Os rhythmos de hoje é que são feitos
De angustias, de tragedias,
De rictus pavorosos de agonia...

Saudades do Romantismo...

AS VOZES PARA O POETA

Ao *Napoleão Lopes Filho.*

"Que não se calem as rans,
Porque tambem preciso de sons meúdos,
Para compôr meu Poema." . . .

(Napoleão Lopes Filho)

Haja vozes de todos os tons
No meio do caminho.
Haja vozes, haja vozes,
Haja todas as vozes.

Eu preciso
Para compor a minha symphonia
De todas as cadencias do Universo!

Venha o rugido rouco dos que me detestam,
As blasphemias dos tigres, os regougos,
Para a estrophe tremenda das minhas tragedias!

Cante o Vento nos leques dos coqueiros,
E as palmas estrujam
E as palmas rebôem
Para os hosannas triumphaes do Poeta!

Haja vozes na meio do caminho!

Coaxem as rans no meio do brejo
Que eu quero sons meúdos, bem meúdos
Pipilos de pifaros,
Para o metro subtil dos meus versiculos!

Tatalares de azas, tatalares de azas
Para a lisonja humana das minhas vaidades!

Vozes severas, vozes severas,
Epistolas, Evangelhos,
Canto — chão das ladainhas

Escôrram dos labios dos monjes
Para o psalmo das minhas penitencias!

Farfalhar de lenços brancos de marinheiros que
[partem
Para a elegia das minhas saudades romanticas...

E os sinos que dobrem...
E os ossos dos mortos se estorçam na cova,
Gargantas gritando, clamando, gemendo...
—Rompa o soluço dos meus desesperos!

Haja vozes no meio do caminho!

Cantem as meninas de branco
Na manhan da primeira Communhão,
Nas noites do mez de Maio.
Preciso a musica das virgens
Para a melodia suave
Das minhas orações!

Venha a voz das mulheres,
O sussurro das alcovas,
O gorgeio dos licores,
E o tilintar das taças nas noites de orgia,
Para eu compor as anacreonticas sensuaes
De minhas tentações!

Fira os ares
A voz crystallina,
incomparavel da Amada!
Quero escrever de novo
O Cantico dos Canticos!

Haja todas as vozes no meio do caminho
Para todas as notas
De minha symphonia!

Mas cante alto, bem alto,
Mais alto que tudo aos meus ouvidos
A escala luminosa das estrellas
Que falam do Senhor!

POESIA

Ao *Francisco Karam,*
homenagem.

Meus irmãos se espalharam pelo mundo,
Partiram...

Caçadores de inspirações
Mergulharam na floresta,
Cantando a fecundidade das flores e dos passaros.

Ah!
Quantas vezes eu senti o cheiro
Das estrophes queimadas como bagas de incenso
Aos pés da Natureza.

Houve hymnos ás torrentes
E orações ao sol.

Outros desceram os valles
E foram buscar a caricia das brisas
Para o langor das melodias.

Muitas sombras de poetas
Desfilaram no mar
Atraz da epopéa das tempestades rudes.

Ah!
Todos os meus irmãos se espalharam pelo mundo,
Partiram.

— Jerusalém dentro de mim!
— Eu fiquei e não parti.
Fiquei dentro de mim mesmo,
Porque encontrei o mundo inteiro,
A Alegria absoluta,
A Poesia essencial,

Na realidade clara, simples, humana
Da Vida.

A RUA DA AMARGURA

Procissões de tristes, procissões de tristes,
Desçam a Rua da Amargura...

Desçam os coxos, os cegos,
Os paralyticos levados em carrinhos,
Os surdos, os mudos,

Os tristes de todas as tristezas bôas
Desçam a Rua da Amargura.

Os pobres, os humildes, os esquecidos, os perdidos,
Os que foram escarnecidos, apontados, cuspidos
Na Rua do Prazer,
Entrem na procissão
E desçam a Rua da Amargura!

Porque eu tambem desci,
Eu tambem desci,
E encontrei no fim della
A Praça da Felicidade!

VISIONARIO

Ao *Marcus Sandoval.*

Quantas vezes eu choro, — e ninguem sabe por-
[que...
Quantas vezes eu rio, — e ninguem sabe por que...

O que os homens não vêem, eu vejo.

Campos desertos, campinas torridas,
Montanhas exhuberantes,
Valles fecundos, rios caudalosos,
Caminhos cansados,
Cidades se erguendo, cidades cahindo,
Nascendo e morrendo.

Os homens continuam passando, comendo, be-
[bendo,
E eu vejo o que os homens não vêem...

Porque do cimo da sua montanha,
A Poesia,
Com o braço alvo estendido
Para os horizontes da vida
Me aponta as grandes paizagens abstractas...

BOHEMIA

Meus tempos de Bohemia,
Meus tempos de Bohemia...

Meu quarto de estudante
No bairro do Cattete.

Os livros por todo o canto,
Em baixo e em cima da cama.
As paredes cheias de figuras, de retratos
E de desenhos meus,
Não obstante dizerem que eu não sei desenhar.
E versos rabiscados de alto a baixo!
Havia uma ode classica, um madrigal romantico e um soneto parnasiano a cada menina da visinhança.
E aquelle altarzinho no canto do quarto,
Que não tinha nem um santo,
Mas que tinha meus vinte e cinco cachimbos!

Meu quarto de bohemio,
Onde Nosso Senhor muitas vezes
Deve ter escondido o rosto,
Mas de onde eu sei que Elle nunca sahiu!

Meus tempos de Bohemia,
Com farras no dia primeiro de cada mez.
Com bolsos cheios de versos a lapis
E vasios de dinheiro...

Ah! eu trago uma saudade
Dôce e amarga
— Como as sobremesas da Pensão Academica —
Dos meus tempos de Bohemia...

CANTO ÁQUELLE QUE VEIO

Se nós estivessemos no tempo de Castro Alves, eu Te faria por certo uma ode retumbante e bombastica, cheia de rimas sonoras e periodos estardalhantes.

Hoje, porem, eu Te quero cantar o Grande Canto,
a Real Ode da Proclamação,
que será a um tempo o Te Deum solemne das vi-
[ctorias
e o Veni Creator da Ordenação Sacerdotal da Raça!

Caminhei comtigo!

Caminharei comtigo por todos os caminhos, porque sei de onde Tu vens.

Trazes o estygma natural das estradas que percorreste.

Tuas faces são pallidas como a miseria daquelle esquecido e maleitoso irmão.

Tens os cabellos desmanchados como o roçado do sertanejo depois de um anno de secca.

Teus olhos se esticam e se alongam no horizonte como a vela branca dos jangadeiros. Ambos são signaes da Esperança.

Tuas mãos ao contrario, erguidas como as de Moysés na perpetua prece, são signaes da Certeza.

Vens da montanha sem neve e cheia de sol. Tu nunca terás neves porque serás como as montanhas de nosso paiz. Cheio de sol.

Os fogos do Equador Te sapecaram e tisnaram. O corpo ficou moreno. Mas a alma incandesceu para sempre.

Vens dos montes e dos rios, das florestas e dos rochedos.

Quando procuraste a chave symbolica do Teu destino maravilhoso, o Grande Rio Te contou a destinação que era delle e que era Tua.

Vens do silvo da Fabrica e da fumaça da Cidade. E é por isto que tens rumores de apitos nos ouvidos e cheiros de motores nas narinas.

Vens das velhas Bandeiras e tens bacamartes nas mãos para queimar todas as linhas de Tordesilhas.

Vens da grande entrada do Oeste e trazes os impetos que estavam guardados nas furnas e nas mattas.

Vens da pobre e triste mezinha dos meus longos poemas nocturnos!

Vens da náu europeia, da alma dos Conquistadores.

Andaste pelas ruas; vens do turbilhão de Edmundo Milhomens e do grande heroismo trágico de Rodrigo Jorge.

Sabes estrangular papagaios e jogal-os na cachoeira!

Vens da oração devota de Nhá Rita na capella de Nossa Senhora —, quando o Francisco foi para a Revolução.

De um Padre Nosso que o garotinho moreno rezava toda noite, de mãos postas, pelo Brasil.

Vens de onde tinhas que vir. Que direi daquelles que Te encontraram e não tiraram o chapéu?

Caminharei comtigo por todos os caminhos, porque sei de onde Tu vens.

Começa a escurecer.

Não é a luz que está faltando nos teus olhos. Mentira! Tem de ser apenas a fatalidade das noites, unicas fabricantes de auroras.

Não podes ir. Ainda tens muitos caminhos.

Quero ver-Te ainda com os pés lambuzados pela neve dos Andes, para o grande colloquio com Bolivar.

Quero ver ainda Tuas roupas confundidas nas aguas do Mare Nostrum e salpicadas pela espuma de todas as ondas continentaes.

Novos ventos refarão os Teus cabellos.

Quero ver-Te mais.

E mesmo se rolares dos Itatiayas azues, rolarás com o grande sequito, rolarás ao som dos hymnos e ao relincho dos corseis.

Rolarás mais, Chefe,
com o clangor do meu Canto
que então terá a lugubre profundeza de um Miserere da Patria.

Mas quero ver-Te mais ainda e caminhar comtigo!

POEMA DO CAMINHO

Ao *Gama Lima*

Porque olhar para os vagos campos distantes,
Quando eu sei que meu ascendente caminho
É largo e ensolarado e me conduz
Ao paiz dos quatro horizontes?

Porque parar na humida ladeira,
Me curvar sobre gottas de agua pobre,
Quando eu sei que em meu paiz
Cantam fontes de vinho, gemem rios de nectar
Para a minha inevitavel embriaguez differente?

Parar? Porque parar para as palavras fallazes
E as curtas caricias e os beijos do tempo?
No fim do meu caminho virão tantas
Virgens que não nasceram e virgens que morreram,
Virão tantas
Dizer-me suavissimas phrases embaladoras
Despir meu corpo e me dar beijos n'alma.

Porque parar?
Ah! bem me dissestes
Que a terra do caminho é feita de illusões.
Faltassem ellas e
Não haveria caminho,
Nem meu rosto adquiriria esta lividez mystica,
Nem meus olhos teriam estes kilometros de sau-
[dade

E esta sombra augusta de martyrio.
Por isto eu chegarei.

COMO O POETA REALIZARÁ A RECONQUISTA

Ao *Pedro Fontana*

Chamar-te-ei para que venhas commigo.
Partiremos de braços dados e daremos
No nosso paiz.
Os corsarios terão tomado conta delle
E não nos deixarão entrar.
Será declarada ante as muralhas
A nossa qualidade de poetas.
Mas ante a furia singular do Pirata
Teremos que luctar. Será a reconquista.
Onde a nossa fraqueza?
Virão ventos calidos como bafos dos seres e das
[coisas

E nós nos inflamaremos.
O vinho descerá pelas nossas veias em lugar do
[sangue,
Seremos diaphanos com os Anjos
E invulneraveis como o Sumé.
Suscitarão porém das fileiras inimigas
Um gigante horrendo
Que eu chamarei de Golias.
Não possuiremos funda,
Mas fal-o-emos em cinzas com os olhos.
Do mesmo modo abriremos a porta da Cidade.
E os gonzos nos saudarão rangendo.
Serão obrigados a proclamar a nossa victoria.
Os nobres corcéis brancos virão relinchando
ao nosso encontro.
Nós nos prostraremos por terra,
Rezaremos o psalmo 90
E um outro psalmo improvisado por nós.
Não comeremos de bichos da terra por tres dias.

Vestiremos um burel em cada corsario,
Cobril-os-emos de cinza.

No final, meu amigo,
Será a grande Alegria!
Chamaremos os brancos cavallos
Montaremos e collocaremos na garupa
Uma poesia e uma mulher,
E embebedados partiremos a galope,
Pelas longas claras praias espumantes
Até o fim dos mares e dos tempos.

POEMA DE UM DOS DRAMAS INTIMOS DO POETA

Ao *Garrido Torres*

Nem formosas nem morenas.
mas ao rumor das rosas desabrochando
nas claras manhans ensolaradas,
o poeta vos chamará é de terriveis.

Sabei que sois o gesto que me dobra as
pernas ante as grades do confessionario.
Sabei que sois o vento que vai e volta e entra como
um galgo pelos olhos e pelas narinas.
Sabei que sois incapazes de me tomar das mãos de
[Virgilio,
mas que sereis talvez
aquellas que espiarão commigo ao longe
o sulco dos meus arados abandonados.

Um dia entendereis melhor o enigma
de meus carinhos e de minha rispidez.

Emquanto os ventos do Sul não despetalarem
as rosas essenciaes,
eu vos chamarei de terriveis.

E se alguem as colher
antes dos namoros da aurora,
antes dos orvalhos e dos ventos despetaladores,
eu vos chamarei nos valles eternos
de fataes e definitivas.

BANDO DE POEMAS

O Poeta sentiu uns estremecimentos intimos:
Vai brotar um poema.

O barulhinho do lapis no papel é tão suave
Chega parece a surdina dum violino.
(Foi a primeira idéa)
Ah! este é o momento essencial.
Ha uma touceira de idéas em minha cabeça.
Deixarei sahir a volupia dos olhos,
A doçura das preces,
Ou uns grandes pensamentos theologico-liricos
[que tenho?

É o momento essencial, meus irmãos;
Não vou cantar uma inspiração,
Vou soltar poesia por todos os poros,
Vou abandonar a idéa mediocre
De pensar uma coisa de cada vez.

Se a Poesia anda misturada na terra,
Porque é que eu vou separar?

Ah! minha vizinha de voz bonita, de olhos bonitos
e de corpo mais bonito ainda!
Hontem ella foi á Missa e eu tambem.
Me lembro que o Padre disse:
"Meus amados irmãos, o fim do mundo está pro-
[ximo!"
Afinal de contas quando é a hora da morte?
Se a gente soubesse...
Tem um vestido de chita estendido
A janella da vizinha...
Chita de floresinhas amarellas e vermelhas.
O Ceará tem muitas. Chitas e flores.
As cunhans ficam que ficam
Com um vestido destes.
Mas na lagôa da Porangaba
Ficam mais formosas ainda.

Por falar em Porangaba...
Iracema, o guerreiro branco e nas claras alvas
praias ensombradas de coqueiros,
E nas jangadas vadias e poeticas dos verdes mares
[bravios,
Os suspiros dum caboclinho, brasileiro e cearense,
cujo nome quer dizer Filho da Dôr. Moacyr.
Serei eu?

Diabo! afinal de contas ha tanta moça de maillot
[e menos,
E eu nesta perpetua tristeza lirica.
É um mysterio como o da Santissima Trindade,
O do céu e o do inferno.

Ah! os dois ultimos!

Oh! meu romantismo divino,
Meu amor!
Amada,
Um bando de libellulas pousarão em meu paletó
Quando nós desembarcarmos.

A filha da vizinha é platonismo de janella,
Bobagem de Poeta...
Tu é que és aquella que... emfim,
Que vae se casar commigo.

Gosto tanto de você, Amada,
Que é você quem vae fazer loucuras commigo,
É quem vae receber meus carinhos,
Quem vae me tomar das mãos de Virgilio
E fechar os meus olhos
E fechar neste momento glorioso
Este bando de poemas que eu escrevo de uma vez
Amada!

O LIVRO DA AMADA

A ti

para que o Amor
seja o grande Poema.

POEMA DA ESPERADA

Quando é que ella virá?...
Minh'alma é a flôr do cactus tropical
Abotoada ainda.
—Quando é que o beijo puro e calido da noite
Virá abrir-me esta corolla linda?

Quando é que ella virá?...

E ouvirei o farfalho
do seu passo tão leve,
da tunica de neve...
Neophyta do amor!...

Quando é que ella virá?...

Com roupagens de noiva,
Nos albores de todas as brancuras,
Com vestidos de gazes crystallinas,
E neves e luares e neblinas,
E lirios brancos... lirios... muitos lirios...

Quando é que ella virá?...

Que viagens já fiz para encontral-a!
Que dias de jornada!
Quanta noite perdida!
Como o povo de Deus, andei pelo deserto
Á procura da terra promettida!

Esperada!...

Quando é que ella virá?...

Ha um rastro della em todos os meus versos!
Em cada rima,
em cada estrophe,
em cada rhythmo, em cada melodia,
seu vulto branco e luminoso assoma!
Solto, em cada poema,
o aroma essencial do seu aroma!

Nas curvas das estradas ha frangalhos dos meus
[olhos,
Que sahiram atraz della...

Abre as azas e parte!
Esperada!
Vem!
Vem do meio da noite, do meio do dia, do meio
[das ondas, do meio dos astros.
Vem do sôpro dos Anjos, — Do sorriso dos Ar-
chanjos, — Dos olhares da Virgem, —
[Do seio do Senhor!
Vem!
Vem donde estiveres,

Bemdicta entre as mulheres,
Esperada do Amor!

Quando é que tu virás?...

Mulher!

— Traze o teu corpo para o meu corpo!
Archanjo!
— Traze a tua alma para a minha alma!
Esperada!
Vem!

E poderemos
No sacerdocio sublime
Das lithurgias mysticas do amor,
Perpetuar
Nos mysterios da Creação
Os gestos do Creador!

Esperada de todos os instantes,
Quando é que tu virás?...

CHEGOU!

Chegou! Chegou!
A Esperada chegou!

Saltem dentro de mim os rhythmos gloriosos,
Os Baptistas
Para annunciar
Que a Esperada chegou!

O Oriente accendeu a estrella mensageira,
E o meu Sonho e a minha Ansia e a minha So-
[lidão,
—Os Tres Reis Magos, —
Partiram
E viram a Esperada!

Como é que os olhos della contemplarão
O ouro do meu Amor,
O incenso dos meus Poemas
E a myrrha
Que traz o cheiro das macerações
Das longas vigilias que eu vigilei
Para esperal-a!?...

GRANDE POEMA DE AMOR

Não mais te procurarei, Amada, não mais.
Os olhos adormecerão na vigilia frustrada
E os braços cahirão no gesto inutil.
Não mais te buscarei. Não mais.

Aquelle *(com um gesto apontando o céu)*
Me ensinou que te esperasse calado.

Tu virás como um Poema.
Grandes musicas precederão a tua chegada,
E tu mesma virás apunhalando os silencios
Com claros alegres violinos de ouro.
Chegarás como um Poema de repente.
Eu não saberei explicar a tua chegada,
Mas terei uma doçura incomparavel
Naquelle gesto largo e expontaneo e feliz
Com que meus braços te abraçarão, Amada!

QUERO FICAR EM TI

Quero ficar em ti.
A ultima curva do meu caminho da Felicidade
É a curva dos teus seios.
Quero ficar em ti, ó Esperada!
No minuto da sêde,
Entrarei nas parreiras do teu rosto
E chuparei o cacho de uvas dos teus labios.
No minuto da Fome
Eu saltarei as cercas
Penetrarei nos pomares do teu corpo
E não deixarei fructo sobre fructo!
Os teus membros serão o leito mais macio do [mundo
No minuto do Somno.

Quero ficar em ti.
Ha uma grande musica nisso tudo!

Não caminharei para os montes biblicos,
Não velejarei para a Grecia
Não irei para a Pasargada com o Manuel Ban-
[deira.
Quero ficar em ti ó Esperada
Porque a ultima curva do meu caminho da Fe-
[licidade
Ha de ser
A curva dos teus seios!

ABNEGAÇÃO

Farei muitas coisas por ti.
Aplainarei as escarpas e cavarei as planicies
Serei comedor de camarão e athleta de pistas
Terei risos nos olhos molhados
lerei todos os annuncios da rua e comprarei
um bilhete ao italiano da esquina.
Venderei jornaes e tocarei sino;
Attenderei todos os telephones
Serei soldado e alferes
Falarei contra o governo
Escreverei versos de rimas e serei porteiro em tres cinemas
Farei outras bobagens
Farei muitas coisas por ti.
Todas as coisas!

INSPIRADORA

Porque buscar os mares
Para cantar o azul?
Porque buscar as papoulas,
Para cantar o vermelho?
Porque buscar os melros
Para cantar as vozes suaves?
Porque buscar as ovelhas
Para cantar a brancura do sorriso?
Porque buscar as estatuas gregas
Para cantar as bellezas esculpturaes do Senhor?
Porque buscar os Anjos
Para cantar as purezas immaculaveis?

Porque?
Se os olhos, os labios, os gorgeios, o sorriso,
— O corpo e a alma da Amada estão aqui?

EUCHARISTIA

Venha a Amada!

Branca e luminosa!
Eu quero recebel-a das mãos do Senhor.
— Hostia candida, pura, ella virá do meio dos lirios, do recinto dos tabernaculos.

Venha a Amada!

Eu quero recebel-a
E unir com ella
O meu corpo, o meu sangue, a minh'alma
E minha divindade!

Porque a Amada para mim será,
— Nos deliquios do amor, —
A divina loucura da Eucharistia!...

TENDA SAGRADA

Os meus olhos
Partiram, como meus antepassados,
Para procurar um paiz e uma tenda.

A Providencia, o Destino, as Calmarias, talvez,
E os dentes brancos da areia sorriram
Na bocca molhada das praias
Quando a jangada aventureira do Poeta
Encalhou
Nos Pindoramas do Amor.

E tu foste a unica Tenda
Que os meus olhos viram!...

O TEU AMOR

O teu amor, Amada, o teu amor é um vinho.

. . . . . .

Vinde vêr-me, vinde vêr-me,
Que eu estou bebado,
Inteiramente bebado!...

TRANSFIGURAÇÃO

Naquelle dia,
A tua bocca será como uma taça espumante.
As tuas mãos serão brancas e perfeitas como os [lirios.
As cathedraes gothicas e os pagodes hindús [nunca verão
Columnas tão bem torneadas como as tuas pernas e os teus pés naquelle dia!
E eu não descubro,
Nem na esculptura pagan dos rhythmos marmo- [reos,
Uma imagem para o teu busto.

Naquelle dia,
Tu te transfigurarás!

E eu só te reconhecerei
Porque estaremos juntos,
No minuto da TRANSFIGURAÇÃO...

CANTO A AMADA

Teus olhos, Amada, teus olhos
Parecem a alma de uma creancinha
No momento da Primeira Communhão.

Teus labios, Amada, teus labios
—Não deixes as abelhas desobril-os!
Trazes nelles o mel de todos os pistilos
E a dolencia de todos os gorgeios.

Tua pelle, Amada, tua pelle
Traz o cheiro e a embriaguez do vinho.
Nas tuas faces
Ha duas taças de Falerno rosado!

O teu cabello, Amada, o teu cabello
Ondulante como os gorgeios,
É regato de aromas,
Por onde o meu olhar humido,
Fluctua, vagueia, mergulha perdido...

E o teu sorriso, Amada, o teu sorriso,
— O rhythmo parnasiano dos teus dentes,
As estrophes romanticas dos labios,
E o poema lyrico, sensual da bocca!

Ao teu sorriso, Amada, ao teu sorriso,
Á belleza da forma e á pureza da essencia,
— Ao teu corpo e á tua alma,
Ao teu sorriso, Amada,
Ergam-se as taças chystallinas do meu canto,
Beba-se o vinho claro dos meus versos,
Ao teu sorriso, Amada,
Ao teu sorriso!

ULTIMA IMAGEM

Meu coração é o Templo dos Desejos.

Antigamente,
Quando eu entrava dentro de mim mesmo,
Era tropeçando
Nas galerias infinitas de imagens
Que eu erguera para adorar.

Louros, grinaldas,
Symbolos de triumpho
Que as noites de sonho crearam.

Hoje,
Quando eu entro no Templo dos Desejos,
Caio de joelhos,
Na oração da Plenitude,
Deante da unica imagem que adorna as galerias [illuminadas:
— A estatua branca e essencial da ultima deusa,
Da Amada!...

O MINUTO DA ANGUSTIA

Não!
Eu sinto
Que o minuto da angustia não poderá chegar.

Porque minhas palpebras ficariam pesadas
E nunca mais se abririam.

Os meus labios ficariam amarellos como os de-
[funtos!

A minha garganta,
Nunca mais assistiria
Ao desfile maravilhoso dos rhythmos...

E o meu coração
Ficaria como um ponteiro parado,
Marcando para a Eternidade
O minuto da Angustia...

PELA JANELA FECHADA NA NOITE

E nada mais entrou no meu quarto,
Pela janela fechada na noite.
Nada mais.
Nem os ventos lamentadores,
Nem o cheiro do matto que elles traziam,
Nem o olhar das estrellas,
Nem os vagos rumores evanescentes,
Nem os olhares da noite,
Nem um pouco de luar. De luar.

Mas o somno impassivel custou a baixar-me as
[palpebras,
Porque pelas frestas pobres
Tinha entrado inexoravel,
Provocadoramente perfumada a sandalo
A Tua lembrança.

VEM DE SEPTEMBRO!

Vem de Septembro, vem!
Vem do mez formoso,
Do claro céu azul e veranil,
Da Italia,
Do cheiro dos pomares prodigos
Que os passarinhos sonorizam tanto.

Vem da madorna das noites banhadas dè ventos!

Vem dos braços longos, luarentos,
Dos longos braços envolventes
Onde o Poeta adormece como aos largos haustos
[da manconha brava,
Vem dos braços longos, muito longos,
Da noite tropical.

Vem de Septembro, Amada,
Eu quero que Tu venhas de Septembro!

Vem de Septembro!
Daquelles ventos alegres e humidos
Que trazem no seio o rumorejo dos Oceanos via-
[jores.

Vem das suas fogueiras matinaes,
Vem das vesperas monasticas
Que o sol de Septembro,
— Fra Angelico extatico —
Aquarelou nos planaltos.

Vem de Septembro!
Da fecundidade das raizes
Que engordam o ventre da terra gravida!

Vem das montanhas ensolaradas e soberbas!

Vem do grande feitiço hypnotizador do luar!
Do luar de Septembro. De Septembro...

SANDALO

Sandalo, sandalo,
Muito sandalo para a Amada!...
Quero vel-a orvalhada de sandalo,
Humedecida de sandalo,
Ensopada de sandalo,
Toda vestida de sandalo,
Transfigurada
Numa estatua de sandalo... de sandalo...

Porque eu não quero que ella tenha o cheiro da
[Carne,
O gosto do Sangue,
E a forma do Corpo.

Sandalo,
Muito sandalo para a Amada!...

SÊDE

Meus ouvidos estão abertos,
Para a caricia langue, sonora dos rhythmos:
Eu quero a voz da Amada!

Meus olhos se illuminaram
Para as luzes castas:
— Eu quero o olhar da Amada!

A geometria impeccavel dos gestos serenos, das [linhas perfeitas,
Creou em mim a liturgia do amor:
— Eu quero as formas da Amada,
Os contornos da Amada!

Ha minutos de extasis, de preces
Que me dão ansias de deslumbramentos,
De pureza, innocencia e angelitude:
— Eu quero a alma da Amada!

Desejos de Perfeição.
Equilibrio luminoso e definitivo
Da belleza absoluta:
— Tenho sêde da Amada,
Tenho sêde da Amada!

NO MEIO DA LUZ

As horas estavam muito grossas, e eu descia muito devagar pelas escarpas.

A noite tinha sido entornada e tudo estava ensopado de treva.

E eu descia cada vez mais, cada vez mais...
nas horas grossas, pelas escarpas tenebrosas...

De repente, uma luz gorgeou, no meio da montanha.

Eu acreditei de subito que o Senhor estava bisando no meu drama o minuto luminoso do primeiro despertar de Adão.

E sahi correndo, fugindo das horas grossas, das escarpas tenebrosas, porque tinha enxergado, no meio da luz que gorgeiava, o vulto da Amada.

E rolei, cahi cantando aos pés da Amada.

Não sei se Ella me viu... não sei se Ella me viu... debruçado, cahido...

Porque era tanta a luz que a rodeava!
Tanta! Tanta!...

PRIMAVERA

O teu Amor, Amada, o teu Amor
Cahiu como uma chuva
No Ceará da minha alma.

Olha como os campos ficaram de repente
Fecundos e alegres
E as florescencias surgiram magnificas
No verdor dos rhythmos espontaneos!

EU PRECISO DE TI

Eu preciso de Ti.

Eu preciso de Ti,
Como os meus pulmões precisam de ar.
Como o meu canario precisa da garganta,
Para poder cantar!

Eu preciso de Ti!

Andarei de dia,
Andarei de noite,
Andarei na Terra,
Andarei no mar,
E contarei a tudo que encontrar,
Contarei
Que eu preciso de Ti.

Para que alguem, emfim,
Compadecido,
Tocado pelos meus gritos lancinantes,
Vá Te contar
Que eu preciso de Ti.

NA MADRUGADA DA CREAÇÃO

Parece, Amada,
Que tu existias no principio
E que floresceste na madrugada da Creação.

Porque os lirios trazem a tua candura, as rosas
a tua belleza e os jasmins o teu perfume, Amada!

E esta belleza, esta candura, este perfume:
Não são dos lirios, das rosas, dos jasmins.
— São teus, Amada, inteiramente teus!

E o Senhor os tirou de Ti,
Para contaminar as flores,
Na madrugada da Creação.

FIAT

Eu trago a tristeza inicial das nebulosas
No dominio sombrio do não ser.

E a Tortura existe
Porque eu sou a um tempo
O Tudo e o Nada.

Vem, Amada, vem!
A tua presença ha de ser
Para os universos que dormem na alma do Poeta,
A palavra eterna e essencial do Fiat!

CANTICO DOS CANTICOS

Teu Cantico dos Canticos, Rei Poeta,
Se tu não o escrevesses, eu o escreveria.
— Sulamita voltou,
Mais formosa e mais alva,
E eu a encontrei em plena Primavera,
Rescendente de aromas, coroada de rosas,
E lavada na luz das madrugadas claras.
— Sulamita voltou:
Teu Cantico dos Canticos é meu!

"Confortae-me com fructos, alentae-me com flo-
[res,
Que eu desfalleço de amor!"...

— Sulamita voltou!
Os cabellos della são longos e ondulantes
Como um psalmo de Alleluia!

Os labios della estão mais vivos!
São encarnados, capitosos e puros
Como o vinho das Missas!

E que voz matinal exhalam elles!

Os olhos della causam extasis:
Têm as virtudes duma Eucharistia!

Só os labios innocentes de meus filhinhos
Commungarão das duas ambulas preciosas
Que ella traz no peito.

A alma della é como as palmeiras do Oriente e da
[minha terra:
Voltada para o céu.

Ah!
Eu ando pelos valles e pelos montes
Cantando o Cantico dos Canticos
Que é meu!

Porque a Sulamita voltou
Mais formosa e mais alva!

SE SOUBESSES, TALVEZ VIESSES JÁ

Amada!
Se Tu soubesses
Que as minhas inspirações se ergueram como col-
[linas
E que na cabeça azul dessas collinas
Eu levantei o castello do amor, —
Se soubesses,
Talvez viesses já.

Se soubesses, Amada,
Que a tua lembrança é a praia clara
Onde se deita humilimo, suplicante,
O Atlantico dos meus sonhos, —
Se soubesses,
Talvez viesses já.

Se soubesses, Amada,
Que foi do fundo do rio desse amor
Que os meus dedos molhados arrancaram

A esmeralda dessas canções, —
Se soubesses,
Talvez viesses já!

Amada!
Se tu soubesses
Que eu trago um mundo de rhythmos dentro da [alma,
Que eu me banhei na agua azul das melodias,
Que eu tenho diademas de versos
Para a tua cabeça de Rainha,
Se soubesses,
Talvez viesses já.

Se soubesses, Amada,
Que és aquella que o Senhor tirou de mim
No meu primeiro somno,
Se soubesses, Amada, se soubesses,
As distancias seriam queimadas pelo relampago,
Tu atravessarias os valles
E então virias já!

RAINHA

Minha amada é a Rainha.

Tem o nome e o imperio de Rainha.

Os meus sonhos trabalham
Como milhões de vassalos,
Entretecendo
Para a cabeça formosa da Rainha
A corôa dourada dos poemas.

E Ella não sabe,
Não sabe que essa grinalda é della
Inteiramente d'Ella.

Mas, no dia essencial,
Eu hei de apparecer!

E verás as minhas mãos pallidas, trementes,
Deitar-lhe sobre a fronte aureolada
Essa grinalda em flor.

— *Então a Amada será mais Rainha,*
Porque trará na cabeça
A corôa real do meu amôr!

O LIVRO DO SENHOR

Aos Padres Redemptoristas
Ao Padre Manuel Gomes.

FECUNDIDADE

Quizesse ou não quizesse
Eu tive que cantar.

Porque
Quando o Senhor me lançou no meio do mundo,
Foi como o lavrador:
Que lança nas vulvas abertas da terra
O grão do cereal.

E, queira ou não queira,
O grão germina
E rebenta
Nas canções louras douradas
Do trigo!
Na fecundidade maravilhosa do Senhor
Ninguem será esteril!

CONTEMPLAÇÃO

E quando eu cheguei ao cimo da montanha
E senti a sua altura,
Espiei para baixo.

Até o pensamento custou a chegar
Ás profundezas do abysmo.

E eu me lembrei de Ti
E me lembrei de mim...

O FILHO DA VIUVA DE NAIM

Eu sou aquelle que encontraste
Carregado num feretro
Pelas ruas de Naim.

Eu sou aquelle que ia para o cemiterio,
O filho da viuva de Naim.

Mas eu me lembro,
Eu me lembro que Tu appareceste
E ordenaste que eu me erguesse.

E todos os acompanhadores de enterro estão as-
[sombrados
Porque eu sahi andando
Com a Vida dentro de mim.

NO DIA DA PARTIDA

Ao *Padre Porfirio de Souza.*

E tudo partirá naquelle dia!

Os mortos partirão
Do fundo das sepulturas!
A alma dos sacerdotes partirá
Dos altares dos templos.
A alma dos guerreiros partirá
Do grande cemiterio do campo de batalha.
A alma do soldado desconhecido partirá
Do arco do Triumpho de Paris.
A alma branca das monjas,
Trajada de negro,
Partirá do silencio dos claustros.
E a alma dos monjes descerá cantando
A litania dos officios sacros
Por todos os mosteiros!
As almas das creanças,

Nem que seja cantando, cirandando, brincando de
[roda,
Hão de partir!
As almas dos marinheiros partirão
Do fundo do mar!
As almas dos sabios partirão
Das folhas amarellas de seus livros
Ou do fundo de seus inventos.
As almas das mulheres perdidas partirão
Do fundo dos prostibulos!

E tudo partirá naquelle dia; Senhor,
Porque elle é o dia da partida.

Porque todos terão que comparecer tremendo
Deante de Ti!

Mas eu Te juro, Senhor,
Que a alma do Poeta não partirá!

Porque desde a hora augusta do primeiro canto
Que ella já está junto de Ti,
Muito junto de Ti!

ESPELHO DE ZARATHUSTRA

Ao *Gastão de Oliveira.*

Tu Te inclinaste acima de mim,
Tua face espelhava
E eu me encontrei commigo mesmo.

Houve arrepios de pavor
Quando eu me fitei.

As maldades se perfilavam dentro de mim
Como um exercito de sombras.
Minha face tinha o rictus tragico e feroz das amar-
[guras.
Meus olhos estavam estatelados
Porque minhas retinas traziam o estygma
De visões horrendas.

Os corvos esvoaçavam
Gulosos e funebres sobre as minhas carnes
Que deviam ter o cheiro da decomposição.

Meu coração era como os eremitas da Thebaida
Que nunca tomaram banho.

Ah!
Tu sabes como o meu pranto foi amargo
E como o meu soluço foi profundo!

Não havia em mim nem formas, nem linhas, nem
[rhythmos,
E o equilibrio desapparecera.

Não era apenas um:
Eram milhões de cadaveres que o meu cadaver
[carregava nas costas.

Mas assim mesmo,
Quando eu Te vi dentro de mim,

A Esperança brilhou nos meus olhares
E uma vinheta formosa
Desenhou o sorriso nos meus labios!

O MINUTO DE LUCIFER

A rebellião de Lucifer,
O minuto do Orgulho e da Revolta
Nunca se apagará da mente do Senhor!

O Senhor nunca se esquecerá
Do gesto de Satan,
Porque a Memoria do Senhor é um espelho
Voltado para os Homens.

E os Homens, todo dia,
Repetem no Tempo
O minuto de Lucifer!

VIDA

Responde-me, Senhor:
— Por que puzeste um abysmo em cada montanha?
Por que ha uma esquina em cada rua
E uma noite em cada dia?

Por que tantas mulheres na cidade,
Por que tanto perfume e tanto inferno nas mu-
[lheres?

E a Piedade alva ergueu o braço
E apontou:
E eu vi em cada esquina uma Egreja
E em cada Egreja um sacrario.

HOSTIA

Tu estás, Senhor,
No infinito de todos os sacrarios!

Tu disseste
Que o circulo branco do pão azymo
Era o teu proprio corpo.
Teu corpo claro de creança loura
Que o sol do Egypto tostou.
A mascula belleza dos teus membros,
Todo o teu sangue ardente de Poeta,
Teus pedaços de carne vergastada,
Teus pés perfumados e ameigados por Magdalena
Teus olhos verdes,
Tua fronte pallida,
Tua alma sonhadora!
Os geometras não calcularam nunca
— E não calcularão
A superficie branca desse disco,

Porque o diametro delle
Tem uma ponta no céu
E outra no Inferno!

O Infinito cabe na Hostia!

A arvore enorme, pujante tambem cabe
Na semente minuscula!
E os universos da inspiração
Cabem no tugurio da minha alma de Poeta!

Mas, Senhor,
Eu conheço um milagre maior!
Tu cabes dentro do disco branco de pão azymo,
Porque cabes tambem,
Porque eu Te sinto,
Porque eu Te vejo,
Porque eu Te escuto,
Com todos os teus poderes essenciaes,
Num circulo menor e mais estreito e mais imundo,
Nesse circulo insignificante
Que é o zero de minha alma!

CREAÇÃO DO POETA

E no oitavo dia,
— Quando começou a Edade essencial
Das coisas definitivas
Na harmonia final dos equilibrios, —
O Senhor creou o Poeta,
O Senhor me creou!

Para dizer aos homens
A grandeza das maravilhas eternas.

Levou-o ao Passado,
E mandou escrever a historia
Do Verbo que era no principio deante de Deus.

Levou S. João ao Futuro,
Para contar no Apocalypse
O gesto absoluto do fim,
Onde o meu corpo e a minha alma,
— As duas parallelas —
Vão se encontrar!

Ensinou a Homero
Que mesmo nas batalhas dos homens,
Quando os exercitos são dos troyanos e dos gregos
O destino dos povos é delle.

Mostrou ao Dante
Os palacios do Céu,
Os carceres do Purgatorio
E as galés perpetuas do Inferno!

... E todos os Poetas foram sagrados,
Ungidos sacerdotes do Senhor!
Têm os cabellos molhados pela luz das estrellas
E auroras eternas despontando nos olhos!
No ponto da face delles
Em que o Senhor pousou seus dedos de fogo
Abriu-se a claridade fulgida da bocca.

E houve aquelles que se esqueceram
Que eram os eleitos do Senhor.
— Porque muitos são os chamados
E poucos os escolhidos... —
... Estes perderam-se no meio do caminho...

E Byron suicidou-se
E as ondas enguliram Shelley,
Musset morreu numa orgia
E Bocage numa taberna...

Ah! Senhor
Não quero nunca me esquecer
Que sou mais semelhante a Ti que os outros ho-
[mens!
Que aos outros fizeste-os do barro da terra,
E a mim me creaste da Tua contemplação:
Depois de teres contemplado e cantado
As bellezas da Tua Creação,
Para que eu,
Á semelhança de Ti,
Mais á semelhança de Ti que os outros homens,
Contemplasse e cantasse eternamente
Teus luminosos gestos creadores e aniquiladores!

POEMA DO ARCO DA ALLIANÇA

Quando a Dôr transbordou, sobre os continentes atormentados houve um grande arrepio.

O coração do céu, sangrando, estendeu entre a Dôr e o Allivio o arco da alliança.

Ha em mim uma grande Dôr taciturna. Uma grande Dôr.

Para que me multiplicaram nos seres e me deram atomos de todas as moleculas?

As grandes amarguras collectivas e os pequeninos dramas de cada um decoraram em mim as estrophes de Job.

Para que me fizeram pae de todos os orphams? Comparsa das viuvas e dos mendigos. Para que?

Experimento o martyrio dos trahidos, dos encarcerados, dos grandes fracassados e os meus olhos se torcem para o céu.

Fui protagonista das desgraças iniciaes. Perpetuam-se em meus tympanos doídos os gritos de Abel. Trago os remorsos de Caim.

Quando eu quiz me arremessar pelos espaços, os rochedos subterraneos apertaram as raizes dos meus pés.

Ha sulcos no meu rosto descarnado. É a proletaria revolta dos famintos, dos sem emprego em mitingues dissolvidos á bala.

Construi de lagrimas e soluços o palacio de minha carne. Rolei nelle, debatendo-me e bebendo agua salgada, como um naufrago em desespero.

Afundam-me neste momento os dolorosos peccados e as profundas tristezas mascaradas das prostitutas.

Afastae de mim, Senhor, o calice dos tarados. Ah! ter que bebel-o assim, a lentos goles!

Toda a pequena dôr dos assassinados e a grande dôr dos assassinos, em mim.

Em mim toda a afflição dos cabarets. E ainda a dôr dos inconscientes que a não sentem.

Em mim, Senhor, tua tortura de crucificado e o remorso de Judas e do Povo maldicto.

Choro a renegação do Povo Eleito que te cuspiu e choro com esta nação miseravel o castigo do seu erro. Tenho suores de sangue com as victimas de suas ambições.

Commigo, em mim todas as dôres humanas. Em mim.

Ah! foram ellas que torceram meus olhos, que me fizeram levantar-me assim: os cabellos despenteados, a bocca escancarada, torcidos os olhos, com um largo passo atravessando os mundos.

E estes longos braços esticados, sacudindo-se para o alto, e a garganta nervuda e o tronco hirto assim, clamando num clamor supremo de misericordia.

Foi esta Dôr que te sangrou e lançou a tua Caridade de sangue num gesto de salvação.

E ergueu sobre a minha estatua livida e desfigurada e enrouquecida,

Sobre os meus amargosos oceanos de desespero, — da tua alma á minha alma, e do teu corpo ao meu corpo — o Arco da Alliança. Amen.

INDICE

INDICE

	PAGS.
MEU LIVRO	7
O Sôpro do Senhor virá	9
Canto do Principio e do Fim	15
Canto ao ultimo Poeta	17
A salvação estará na queda	21
Arranha-céu	23
Canto á Multidão	25
Poema escripto na vespera de um combate	29
A Creação do Eterno	31
Glorificação do Verbo	33
Canto da Hora Presente	35
Diluvio	37
Bailarina da Sombra	39
Com o burrico eu não me importo	41
Poema para glorificar o gin	43
A Poesia baixou sobre mim	45
Triumpho	47
Saudades do Romantismo	49
As Vozes para o Poeta	51
Poesia	55
Rua da Amargura	57
Visionario	59
Bohemia	61
Canto Áquele que veio	63
Poema do Caminho	69
Como o Poeta realizará a reconquista	71
Poema de um dos dramas intimos do Poeta	75
Bando de Poemas	77

PAGS.

O LIVRO DA AMADA 81
Poema da Esperada 83
Chegou! 87
Grande Poema de Amor 89
Quero ficar em ti 91
Abnegação 93
Inspiradora 95
Eucharistia 97
Tenda Sagrada 99
O Teu amor 101
Transfiguração 103
Canto á Amada 105
Ultima imagem 107
O minuto da Angustia 109
Pela janella fechada na noite 111
Vem de Septembro! 113
Sandalo 115
Sêde 117
No meio da Luz 119
Primavera 121
Eu preciso de Ti 123
Na madrugada da Creação 125
Fiat 127
Cantico dos Canticos 129
Se soubesses, talvez viesses já 133
Rainha 135
O LIVRO DO SENHOR 137
Fecundidade 139
Contemplação 141
O filho da Viuva de Naim 143
No dia da Partida 145
Espelho de Zarathustra 147
O Minuto de Lucifer 149
Vida 151
Hostia 153
Creação do Poeta 155
Poema do Arco da Alliança 159
Indice 163

Este livro foi composto e impresso nas officinas graphicas d'A NOITE S. A. A capa é de Luiz Jackson de Figueiredo.